

OFICINA FORMATIVA
**REVISITANDO
SABERES:**

ANÁLISE E REESCRITA
DE QUESTÕES DE MATERIAIS
DIDÁTICOS COM
OLHAR
ANTIRRACISTA

Luiza Christie
Jonê Carla Baião

OFICINA FORMATIVA
**REVISITANDO
SABERES:**

ANÁLISE E REESCRITA
DE QUESTÕES DE MATERIAIS
DIDÁTICOS COM
OLHAR
ANTIRRACISTA



UERJ- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Educação e Humanidades (CEH)
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAR-UERJ)
Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica
(PPGEB)

Reitora: Gulnar Azevedo e Silva
Vice-reitor: Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues

Diretora do CAP-UERJ: Mônica Andrea Oliveira Almeida
Vice-diretora: Deborah da Costa Fontenelle

Coordenadora do PPGEB: Maria Cristina Ferreira dos Santos
Vice -coordenador do PPGEB: Leonardo Freire Marino

Coordenador do Núcleo de Extensão , Pesquisa e Editoração:
Carlos Henrique Soares Fonseca

Coordenador de Editoração (NEPE): Alexandre Xavier Lima
Conselho editorial: Alexandre Xavier Lima
Deborah Costa Fontenelle
Elizandra Martins Silva
Juliana de Moraes Prata

Comissão Científica: Angélica Maria Reis Monteiro (U PORTO)
Daniel Suárez (UBA) Edmea Santos (UFRRJ)
Jorge Luiz Marques de Moraes (CPII)
José Humberto Silva (UNEB)
Marcus Vinicius de Azevedo Basso (UFRGS)
Rogerio Mendes de Lima (CPII)
Waldmir Araujo Neto (UFRJ)

Banca Examinadora
Jonê Carla Baião (orientadora) - UERJ
Mônica Regina Ferreira Lins (examinadora interna) - UERJ
Alessandra Pio Silva (examinadora externa) - UFRRJ





Revisitando Saberes: Análise e Reescrita de Materiais Didáticos com Olhar Antirracista

Luiza Christie dos Santos Neves

Jonê Carla Baião

Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração- NEPE

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira- CAP- UERJ

Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica- PPGEB

Oficina Formativa
“Revisitando Saberes: Análise e Reescrita de Questões de
Materiais Didáticos com Olhar Antirracista”

Área: Educação e Ensino

Autoras: Luiza Christie dos Santos Neves e Jonê Carla Baião

Público-Alvo: Professores da Educação Básica

Imagens e Figuras: Acervo Pessoal, domínio público e Canva.

Design: Canva

CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A	
N511	Neves, Luiza Christie dos Santos Oficina formativa Revisitando Saberes: análise e reescrita de questões de materiais didáticos com olhar antirracista. / Luiza Christie dos Santos Neves, Jonê Carla Baião. – Rio de Janeiro: CAP-UERJ, 2025. 30 p. Produto educacional elaborado no Mestrado Profissional do PPGEB/CAP/UERJ. ISBN: 978-65-5134-012-3 1. Material didático. 2. GERER/SME-RJ. I. Baião, Jonê Carla. II. Título. CDU 37

Emilly Dantas CRB-7 / 7149 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

2025
1ª Edição

Editora CAP- Uerj Rua Barão de Itapagipe, 96 Rio Comprido- RJ
CEP 20.261-005
www.cap.uerj.br



**BRASIL, MEU NEGO
DEIXA EU TE CONTAR
A HISTÓRIA QUE A HISTÓRIA NÃO CONTA
O AVESSO DO MESMO LUGAR
NA LUTA É QUE A GENTE SE ENCONTRA**

**BRASIL, MEU DENGÔ
A MANGUEIRA CHEGOU
COM VERSOS QUE O LIVRO APAGOU
DESDE 1500 TEM MAIS INVASÃO DO QUE
DESCOBRIMENTO
TEM SANGUE RETINTO PISADO
ATRÁS DO HERÓI EMOLDURADO
MULHERES, TAMOIOS, MULATOS
EU QUERO UM PAÍS QUE NÃO ESTÁ NO
RETRATO**

SAMBA-ENREDO MANGUEIRA - 2019





Sumário

Apresentação	07
Introdução	08
Estrutura da oficina	10
1º momento	11
2º momento	13
3º momento	15
4º momento	17
5º momento	22
Considerações finais	24
Alguns relatos	25
Referências bibliográficas	26
Sobre as autoras	27



Apresentação

O Produto Educacional intitulado “Revisitando saberes: Análise e Reescrita de questões de Materiais Didáticos com Olhar Antirracista” foi desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Educação Básica (PPGEB) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com o objetivo de criar um material destinado a educadores e profissionais da educação que utilizam livros didáticos cotidianamente no planejamento de suas aulas, buscando contribuir com a formação e a reflexão crítica sobre práticas pedagógicas, especialmente no que se refere à promoção de uma educação antirracista.



INTRODUÇÃO

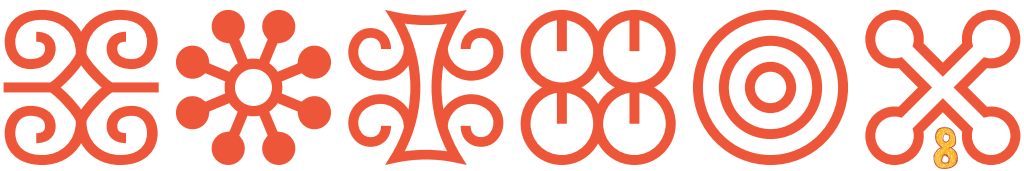
Em um passado não muito distante, as páginas dos livros encontrados nas escolas, livrarias e bibliotecas eram repletos de heróis, realezas e personalidades representadas por pessoas brancas. Essa era a realidade encontrada também em livros didáticos amplamente utilizados nos ambientes escolares. Os materiais disponíveis retratavam uma história única: a história do europeu colonizador.

Essa perspectiva eurocentrada se perpetuou nas sociedades devido o processo denominado de colonialismo. Durante o século XV, nações europeias estavam buscando expandir seus territórios e, ao se depararem com as américas, iniciaram um sistema de exploração não só do território, mas também dos povos que viviam ali originalmente. As sociedades se transformaram, as organizações sociais ficaram cada vez mais complexas e o colonialismo não conseguiu se manter da maneira original, porém essa estrutura não foi interrompida, mas sim reestruturada. DIAS e ABREU (2019) dizem que o colonialismo deu lugar a colonialidade, "conjunto de forças interiores, que mantêm hierarquias distintas sobre expressões existenciais entre povos dominados e dominadores, que se sustentam em uma classificação étnica/racial."

O domínio se perpetuou pelos séculos seguintes e o eurocentrismo penetrou profundamente em diversas áreas da sociedade: política, arquitetura, economia, artes, religião e no campo educacional não foi diferente. Padres portugueses, conhecidos como Jesuítas, foram considerados os primeiros educadores brasileiros e estruturaram o início das instituições escolares no Brasil, reproduzindo o currículo que era utilizado na Europa e na igreja católica, visando a evangelização.

Diversas gerações só tiveram possibilidade de refletir sobre uma perspectiva, mas a partir do século XX, estudiosos começaram a defender a ideia de não existir apenas uma narrativa única, uma história universal, mas sim uma narrativa que contemplasse as perspectivas dos diversos grupos que foram silenciados durante todo o processo de colonização.

Diante desse cenário histórico de silenciamento e invisibilização, torna-se urgente revisitar os materiais didáticos que ainda circulam em nossas escolas, identificando como neles persistem marcas da colonialidade. É nesse ponto que a oficina se insere: como um espaço de crítica e reconstrução, em que professores e formadores são convidados a reconhecer as ausências e distorções presentes nas questões escolares e a reelaborá-las à luz de uma perspectiva antirracista e plural.



INTRODUÇÃO

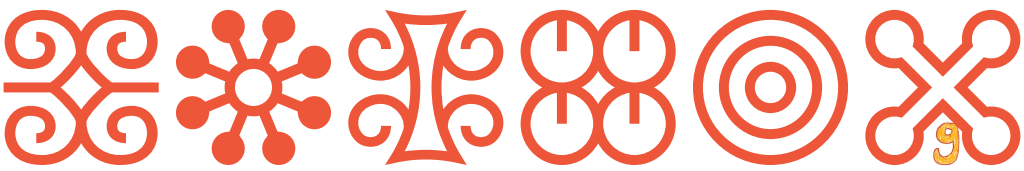
Ao propor esse exercício de reescrita, a oficina não apenas questiona os conteúdos eurocentrados, mas também afirma a potência de outros saberes, como indígenas, africanos e afro-brasileiros, fundamentais para a formação de sujeitos críticos e para a construção de uma educação realmente democrática.

A oficina proposta neste material é direcionada a professores da Educação Básica e a formadores de professores, buscando oferecer estratégias práticas para a reescrita e reelaboração de questões encontradas em livros didáticos ou outro material pedagógico que reproduzem estereótipos racistas e reforçam desigualdades raciais. Visa possibilitar a reflexão sobre como as questões abordadas podem contribuir para a construção de uma educação que respeite e valorize as identidades raciais e culturais de todos cosmovisão.

Este material foi desenvolvido a partir de uma abordagem interdisciplinar, que incorpora diferentes linguagens e estratégias didáticas, e pode ser utilizado tanto em atividades escolares como em cursos de formação de professores. A proposta fomenta a discussão e o enfrentamento de temas relacionados ao racismo, à história dos povos negros e indígenas, à resistência cultural e às contribuições das comunidades marginalizadas, criando espaços de aprendizagem mais justos e representativos. A proposta de trabalho envolve a construção de novas narrativas que favoreçam a inclusão de diferentes contextos sociais e culturais, considerando a diversidade racial e étnica presente no território brasileiro e no ambiente escolar.

Ele proporciona ferramentas essenciais para que educadores reelaborem materiais didáticos de maneira crítica e comprometida com a construção de uma sociedade mais igualitária, combatendo as desigualdades raciais e culturais que permeiam o sistema educacional.

Que esta oficina seja uma oportunidade de troca, reflexão e criação coletiva, fortalecendo práticas pedagógicas mais justas e inclusivas. Desejamos que cada educador e educadora aqui presente encontre inspiração para transformar suas aulas em espaços de valorização da diversidade e de combate ao racismo. Uma excelente oficina a todos e todas!



Como o encontro da Oficina está estruturado?



Nossa oficina está estruturada em cinco momentos, cada um com um objetivo específico para promover uma reflexão profunda sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas.

1

Iniciaremos com uma introdução ao tema da Educação para Relações Étnico-Raciais, com duração de 30 minutos, onde abordaremos a importância do tema e o papel da educação no combate ao racismo, preparando os participantes para os próximos momentos.

2

Em seguida, dedicaremos 30 minutos à fundamentação teórica, apresentando e discutindo as contribuições de teóricos como Nilma Gomes, Kabengele Munanga, Bárbara Carine e Nêgo Bispo que tratam da educação antirracista, proporcionando uma base sólida para a compreensão do conteúdo.

3

O terceiro momento, com 30 min, será uma análise crítica de questões didáticas, onde os participantes terão a oportunidade de refletir sobre materiais e questões que circulam nas práticas pedagógicas, identificando possíveis falhas na abordagem das relações étnico-raciais.

4

No quarto momento, também com 30 minutos, realizaremos uma reescrita colaborativa de questões, permitindo que os participantes trabalhem juntos na criação de atividades mais inclusivas e que promovam o respeito à diversidade.

5

Por fim, encerraremos a oficina com uma reflexão, discussão e avaliação de 30 minutos, onde os participantes poderão compartilhar suas experiências, levantar pontos de aprendizado e sugerir formas de implementar práticas antirracistas no contexto escolar.

Primeiro momento

Tempo sugerido: 30 min



Vamos nos conhecer?

O início da oficina é sempre um momento muito especial. É quando os participantes chegam com suas histórias, experiências e expectativas, e encontram um espaço seguro para partilhar, aprender e se reconhecer enquanto educadores em constante construção. Nesta etapa, o objetivo é criar um ambiente acolhedor e abrir o diálogo sobre a importância da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Pode ser uma apresentação em forma de dinâmica ou com uma roda de conversa em que cada um diga uma palavra que represente suas expectativas para a oficina.

ERER

Você já viu essa a sigla ERER em algum lugar? Significa Educação para as Relações Étnico-Raciais. Busca promover o reconhecimento, a valorização e o respeito à diversidade étnico-racial, combatendo o racismo e as desigualdades históricas presentes na sociedade. Ela orienta escolas e professores a incluir conteúdos que representem de forma justa diferentes grupos étnicos, especialmente afro-brasileiros e indígenas, contribuindo para a formação de alunos conscientes, críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais igualitária.

O que nos diz a legislação?

Neste momento iremos apresentar de forma breve e acessível, as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no currículo escolar. É importante que os professores percebam que não se trata apenas de uma escolha pessoal, mas de uma obrigação legal e ética.



Dica para o formador: É importante os participantes entenderem o termo ANTIRRACISMO logo no início da oficina. Isso ajudará a alinhar percepções e a dar sentido ao trabalho. Explique que antirracismo pode ser caracterizado ações conscientes de enfrentamento ao racismo.

Primeiro momento



Provocações reflexivas

Você se considera um educador antirracista?

Tem lembranças de como o povo indígena/negro aparecia nos livros didáticos?

De que forma o racismo pode se manifestar em sala de aula, ainda que de maneira sutil?

Você já se sentiu desconfortável ao perceber que um livro didático não representava a diversidade dos seus alunos?

Dica para formador:

Lembre-se de que este é um momento de escuta e partilha.

Finalize lembrando que a oficina é um espaço de aprendizagem e coragem coletiva.

Reconhecer as limitações do material didático e de nossas próprias práticas é o primeiro passo para transformá-las. O mais importante é que, a partir desse encontro, cada professor se sinta protagonista de uma mudança possível e necessária na escola.

Segundo momento

Tempo sugerido: 30 min



Importância do embasamento teórico

Apresentar autores e autoras que nos inspiram e nos desafiam a repensar nossas práticas é fundamental para que se construa um olhar crítico diante de situações de racismo no ambiente escolar. É o momento de mostrar que a luta contra o racismo na educação não é algo pontual ou isolado, mas está amparada por uma produção teórica consistente, construída por intelectuais negros e negras que dedicaram suas vidas a esse propósito e do Movimento Negro incansável na busca de uma sociedade mais justa.

Epistemicídio negro e indígena

O epistemicídio negro e indígena é o termo utilizado para se referir ao silenciamento, desvalorização e apagamento dos saberes produzidos por povos africanos e indígenas, processo historicamente promovido pela colonialidade do saber. Esses conhecimentos foram deslegitimados em nome de uma suposta ciência universal, eurocêntrica. Combater o epistemicídio é reconhecer o valor desses saberes, promover sua presença nos currículos e garantir que as vozes historicamente silenciadas sejam escutadas, respeitadas e transmitidas nas escolas e nos espaços acadêmicos.

Desconstruindo saberes

Neste momento iremos apresentar de forma breve e acessível, as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no currículo escolar. É importante que os professores percebam que não se trata apenas de uma escolha pessoal, mas de uma obrigação legal e ética.



Uma ótima possibilidade de recurso nesta oficina é ouvir o samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira de 2019, “História pra ninar gente grande”. A canção pode ser utilizada como disparador para refletir sobre a necessidade de revisitar a história oficial do Brasil, destacando personagens negros, indígenas e populares que foram invisibilizados.

Segundo momento

Alguns teóricos



Nilma Lino Gomes

Doutora em Ciências Sociais, professora titular da UFPA e ex-ministra das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.

“Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciamos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos.”



BÁRBARA CARINE

Doutora em Educação pela UFBA, professora de Química, pesquisadora e militante da educação antirracista.

“É só sabendo de onde viemos (olhando para trás) que sabemos quem somos; e é só sabendo de viemos e quem somos, a partir da nossa agência ancestral, que conseguimos construir novos passos rumo à emancipação do nosso povo.”



KABENGELE MUNANGA

Doutor em Antropologia pela USP, professor emérito da mesma instituição e referência nos estudos sobre relações raciais no Brasil.

“Cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados.”

Escritor, professor e militante do movimento social quilombola e de direitos pelo uso da terra.



NEGO BISPO

“Os colonizadores, ao substituírem as diversas autodenominações desses povos, impondo-lhes uma denominação generalizada, estavam tentando quebrar as suas identidades com o intuito de os coisificar/desumanizar.”



Ailton Krenak

Ailton Krenak é um líder, escritor e indígena brasileiro, reconhecido por sua luta na defesa dos direitos dos povos originários e da preservação ambiental.

“Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outro: a terra e a humanidade. Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados no exercício de ser?”

Terceiro momento

Tempo sugerido: 30 min



Sutilezas?

Depois de refletirmos sobre os alguns fundamentos da educação antirracista, agora vamos olhar para o que chega até nossas crianças e jovens nos livros, as atividades e as propostas pedagógicas que circulam em nossas escolas.

Muitas vezes, sem perceber, reproduzimos atividades que carregam estereótipos, invisibilizam povos e culturas ou reduzem a diversidade a algo folclórico e superficial. Por isso, o objetivo deste momento é desvelar essas sutilezas e discutir coletivamente caminhos de mudança.

Olhar crítico

Essa análise será feita coletivamente, permitindo que os participantes compartilhem suas percepções, questionamentos e inquietações. A troca de olhares enriquece a discussão, já que cada educador traz sua experiência e seu contexto para o debate. O propósito não é apenas criticar, mas sobretudo aprender a identificar elementos problemáticos que, muitas vezes, passam despercebidos, fortalecendo o olhar crítico para a prática docente.

Estereótipos, Diversidade e saberes

Apresentaremos três questões previamente selecionadas de materiais didáticos (que foram buscadas em PDFs disponíveis na internet). Cada questão foi escolhida por representar um tipo de problema recorrente: Estereótipos, pouca diversidade e desvalorização da cultura, história e saberes.



Dica para o formador: busque acervos digitais de livros didáticos que estão amplamente disponíveis na internet. Diversas secretarias de educação e instituições de ensino disponibilizam coleções completas em bibliotecas virtuais, permitindo acesso gratuito e organizado a materiais de diferentes áreas do conhecimento. Esses recursos facilitam a seleção de questões que podem ser analisadas durante a oficina, garantindo diversidade de exemplos e contextos. Um exemplo é a [Biblioteca Virtual de Quintana](#) (SP), disponível neste [link](#), que reúne livros didáticos de várias disciplinas e pode ser uma ótima fonte para o trabalho formativo.

Terceiro momento

Tempo sugerido: 30 min



VOCÊ TAMBÉM ESTÁ NA ESCOLA. DESENHE A SUA ESCOLA E ESCRVA O NOME DELA.



Imagem: Prefeitura do Rio de Janeiro (2020, p. 52)

O enunciado convida a criança a se reconhecer como parte da escola, mas a moldura composta apenas por mãos brancas reforça uma ideia excludente de pertencimento. A ausência de diversidade na representação ignora a pluralidade étnico-racial presente nas escolas públicas brasileiras, apagando crianças negras e indígenas do espaço de acolhimento simbólico que deveria ser garantido a todas. Isso transmite uma mensagem implícita de que a escola pertence a um grupo específico, reforçando desigualdades.

A proposta didática parte da música “Meu Lugar” de Arlindo Cruz, um dos sambistas mais importantes do Brasil, que valoriza Madureira como território cultural, símbolo do samba e da resistência negra. Entretanto, o exercício reduz a potência desse conteúdo cultural a uma atividade mecânica de identificação da letra inicial “M”. Com isso, perde-se a oportunidade de trabalhar o samba como patrimônio cultural afro-brasileiro e de estimular nas crianças a valorização das raízes históricas e artísticas do território. A questão poderia se abrir para conversas sobre cultura, memória e identidade, mas se limita a um olhar raso e descontextualizado.

MEU LUGAR

ARLINDO CRUZ

O MEU LUGAR

É SORRISO É PAZ E PRAZER

SEU NOME É DOCE DIZER

MADUREIRA, LÁ LAIÁ, MADUREIRA, LÁ LAIÁ...

ADAPTADO DE: <http://www.letras.mus.br/arlando-cruz/1131702>



CIRCULE NA LETRA DA MÚSICA AS PALAVRAS EM QUE A LETRA M APARECE.

ENVOLVA AS IMAGENS CUJOS NOMES COMEÇAM COM O MESMO SOM INICIAL DA PALAVRA

MADUREIRA



Imagem: Prefeitura do Rio de Janeiro (2020, p. 52)

portal.deprofessores.mec.gov.br



Imagem: Prefeitura do Rio de Janeiro (2020, p. 52)

A cena mostra um menino negro em posição de inferioridade, sendo agredido por outra criança. Essa escolha é ainda mais problemática porque, neste material específico, trata-se das únicas representações de personagem negro em todo o conteúdo. Ao ser retratado exclusivamente em uma situação de violência e fragilidade, o menino negro é estigmatizado, reforçando estereótipos racistas e naturalizando desigualdades. Em vez de promover representações positivas e plurais da negritude, a imagem reforça a associação histórica entre negritude e subalteridade.

Quarto momento

Tempo sugerido: 30 min



Percursos até o momento

Até este momento da oficina, já percorremos juntos um caminho importante: revisitamos alguns conceitos básicos sobre a Educação para as Relações Étnico-Raciais, conhecemos contribuições de teóricos e teóricas que fundamentam a prática antirracista e também exercitamos o olhar crítico ao analisar questões didáticas.

A importância de trocar com seus pares

A troca com os pares é fundamental nesse processo, pois ao compartilhar nossas percepções e experiências conseguimos ampliar nosso repertório e enxergar nuances que, sozinhos, poderiam passar despercebidas. O diálogo coletivo é uma ferramenta potente para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e conscientes.

Reescrita

A reescrita e a reelaboração de questões didáticas têm um papel essencial: elas nos permitem não apenas identificar falhas, mas também propor caminhos. Ao construir coletivamente materiais mais justos e representativos, fortalecemos a educação como espaço de diversidade, respeito e transformação social. Essa prática é fundamental porque coloca em evidência o papel ativo dos educadores na produção de materiais pedagógicos mais justos e representativos.



Dica para o formador: incentive os participantes a fazer não só mudanças no enunciado, mas também que pensem em novas imagens, contextos, personagens e situações.

Quarto momento

(continuação)



PRATICANDO

1. NA VIDA REAL, OS ESPELHOS APENAS REFLETEM IMAGENS, MAS VOCÊ SABIA QUE EXISTE UM CONTO EM QUE UMA DAS PERSONAGENS POSSUI UM ESPELHO MÁGICO CAPAZ DE CONVERSAR COM ELA? QUAL É ESSE CONTO?
2. OBSERVE-SE NO ESPELHO SEGUINDO AS ORIENTAÇÕES DO PROFESSOR OU DA PROFESSORA.
3. EM DUPLA, SIGA AS ORIENTAÇÕES DO PROFESSOR OU DA PROFESSORA E IMITE O COLEGA OU A COLEGA COMO SE ESTIVESSE EM FRENTE AO ESPELHO.

RETOMANDO

1. IMAGINE QUE ESTA PÁGINA TENHA A PROPRIEDADE DE REFLETIR COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO NESTE MOMENTO.
 - A. FAÇA UM AUTORRETRATO REGISTRANDO COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO.
 - B. COM A AJUDA DO PROFESSOR OU DA PROFESSORA, COMPLETE A FRASE A SEGUIR.



ESPELHO,
ESPELHO MEU,
EU ESTOU _____

- C. COMPARTILHE COM A TURMA O DESENHO E A FRASE QUE VOCÊ ELABOROU.

Imagem: Governo do Rio Grande do Sul (2024, p. 10)

Nesta atividade, observamos a presença do espelho como referência ao conto europeu da Branca de Neve. Essa escolha traz uma limitação, pois reforça apenas narrativas da tradição eurocêntrica, deixando de lado a pluralidade de histórias, culturas e mitologias que poderiam enriquecer a aprendizagem dos estudantes. Ao mantermos apenas essas referências, invisibilizamos contos, saberes e símbolos afro-brasileiros, indígenas e de outros grupos que fazem parte da nossa formação cultural.

O convite aqui é repensar a questão: como podemos substituir ou ampliar o uso do espelho como recurso? Podemos, por exemplo, trazer contos africanos, afro-brasileiros ou indígenas que abordem símbolos e objetos mágicos com diferentes significados, conectando os estudantes às suas identidades e valorizando outras epistemologias. Assim, a reescrita desta atividade pode abrir espaço para reflexões mais profundas sobre diversidade cultural e para o fortalecimento da autoestima das crianças, permitindo que se vejam representadas nas narrativas que estudam.

Quarto momento (continuação)



SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Trabalhando com Língua Portuguesa



4º e 5º ANOS



Observe este quadro.



<http://101maneiraade.blogspot.com/2010/02/aniversario-de-norman-rockwell.html>

O artista descreve através dessa pintura o caminho percorrido por uma fofoca. Para isso ele usa apenas imagens, deixando para o leitor a tarefa de imaginar a conversa entre as pessoas.

Junto com um colega escolha uma das cenas em que as pessoas estão se comunicando. **Observe os gestos e as expressões dessas pessoas** e crie um possível diálogo entre elas.

Não se esqueça de circular a cena que vocês escolheram!

O diálogo é composto pela conversa de duas ou mais pessoas. Não se esqueça de utilizar o travessão (—) quando for escrevê-lo!

Imagem: Prefeitura Duque de Caxias (2012, p. 44)

O texto sobre a “fofoca” busca trazer uma reflexão cotidiana, mas pouco diálogo com a riqueza cultural e linguística que poderia surgir dessa palavra. Poderíamos repensar a atividade para ampliar as possibilidades, afinal, as palavras carregam histórias.

Convidamos, então, a reescrever esta atividade de forma a investigar a origem da palavra “fofoca”, os diferentes significados que ela pode ter, e até mesmo como outras culturas interpretam e expressam a ideia de conversa, narrativa ou transmissão oral. Pode-se também valorizar a oralidade, especialmente das tradições africanas e indígenas, onde narrar histórias é central e ancestral.

Quarto momento (continuação)



O desenvolvimento das tecnologias usadas na medicina foi muito importante para a humanidade. Você sabe explicar por quê?



183

As tecnologias ligadas à **medicina** têm diferentes funções: podem ajudar no diagnóstico e na prevenção de doenças, podem auxiliar a prevenção de acidentes e podem ajudar na superação de dificuldades funcionais.

a)

Complete a cruzadinha a seguir com termos relacionados às tecnologias aplicadas à saúde do ser humano.

Imagem: São Paulo (2008, p. 182))

Nesta atividade, observamos a referência à medicina moderna como principal forma de cuidado com a saúde. Essa escolha traz uma limitação, pois privilegia apenas uma visão científica eurocentrada, deixando de lado a pluralidade de práticas, saberes e cosmologias que também compõem a história da humanidade. O convite aqui é repensar a questão: como podemos substituir ou ampliar essa abordagem, de modo a incluir diferentes saberes sobre saúde? Assim, a reescrita desta atividade pode abrir espaço para reflexões mais amplas sobre saúde, diversidade cultural e respeito às epistemologias ancestrais, permitindo que os estudantes reconheçam e valorizem esses conhecimentos como parte de nossa formação coletiva.

Quarto momento



Provocações reflexivas

Como posso reformular esta questão para valorizar positivamente a diversidade?

De que forma posso incluir saberes, culturas e histórias que foram invisibilizados?

Essa nova questão contribui para que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos, culturais e sociais?

O material produzido reflete uma perspectiva antirracista e plural?

Lembrete aos participantes: caminhos possíveis para ampliar práticas antirracistas na sala de aula, reconhecendo que pequenas mudanças em nossas escolhas didáticas já representam passos significativos rumo a uma educação mais justa e inclusiva.

Quinto momento



Reflexões

Encerramos a oficina com um espaço de escuta e diálogo, no qual cada participante poderá refletir sobre como as discussões e atividades realizadas impactaram sua prática pedagógica e sua forma de compreender a Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Discussão

Esse momento também será dedicado à troca de experiências: o que mais chamou atenção, quais foram os maiores desafios e como cada um enxerga as possibilidades de transformação no cotidiano escolar a partir do que foi vivenciado aqui.

Avaliação

Para finalizar este momento, pediremos aos participantes que avaliem a oficina de maneira rápida e objetiva. Essa avaliação pode acontecer por meio de uma palavra, uma frase verbalizada ou escrita em um post-it, expressando o que acharam mais relevante ou o que levarão como aprendizado dessa experiência.



Para o encerramento da oficina, o foco deve ser no encorajamento dos participantes a continuarem a reflexão e a implementação das práticas aprendidas, além de reforçar a importância de compartilhar essas práticas com outros educadores para que a educação antirracista se expanda e se consolide nas escolas.

Quinto momento



Provocações reflexivas

Quais foram os principais desafios na reescrita das questões?

Como podemos garantir que a abordagem antirracista seja mantida nas questões futuras?

Como esse processo pode ser aplicado no dia a dia da sala de aula?

Qual pode ser o impacto na trajetória escolar das crianças e jovens?

Lembrete aos participantes: não há uma única resposta certa. O importante é construir propostas mais inclusivas e alinhadas às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER).

Considerações Finais

Chegamos ao fim desta oficina, mas, na verdade, este é apenas o começo de um percurso que se abre diante de nós. O caminho da educação antirracista não se encerra em uma formação: ele se reinventa continuamente em sala de aula, a cada encontro com estudantes, a cada vez que revisitamos nossos materiais e práticas. Durante essa caminhada, experimentamos juntos a potência de olhar com mais atenção para os livros didáticos, questionar suas narrativas e propor novas formas de contar a “história que a história não conta”. Esse movimento é desafiador, pois exige de nós coragem para reconhecer lacunas, sensibilidade para acolher vozes silenciadas e, acima de tudo, compromisso ético com a construção de uma escola justa, plural e inclusiva. A reescrita de uma questão pode parecer um gesto pequeno, mas ela carrega em si uma força transformadora: quando alteramos uma atividade, estamos também abrindo espaço para que nossas crianças e jovens se reconheçam nos conteúdos escolares, enxerguem suas histórias valorizadas e possam construir autoestima e pertencimento.

Convite à continuidade...

Crie grupos de estudo em sua escola ou comunidade para compartilhar reflexões e trocar materiais sobre Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER).

Compartilhe experiências: divida com colegas os exercícios reescritos e as atividades desenvolvidas. Quanto mais circularmos essas práticas, mais fortalecemos a rede de educadores comprometidos com a ERER.

Busque referências em autores negros e indígenas: suas obras são fontes riquíssimas de conhecimento e podem ser encontradas em PDFs, artigos acadêmicos e materiais gratuitos disponíveis online.

O educador tem a possibilidade de ser um agente de mudança dentro da escola. A transformação começa em pequenos gestos cotidianos: uma escolha de texto, uma conversa provocadora, uma questão adaptada, uma música ou imagem que rompe estereótipos.

Ao assumir esse compromisso, você se junta a uma corrente de educadores que acreditam no poder da educação de resistir ao racismo, combater desigualdades e criar futuros mais humanos. Desejamos que este material seja inspiração e guia, mas, sobretudo, que ele desperte em cada participante a certeza de que a mudança é possível e necessária.

Que possamos visitar saberes e reescrever narrativas que nos foram negadas.
Que cada passo dado aqui floresça em muitas transformações no chão da escola!





Uma participante resumiu a experiência dizendo: "a oficina foi uma oportunidade de parar e refletir com criticamente sobre algo que a gente costuma aceitar como verdade absoluta".

"A gente precisa se fortalecer. É muito solitário fazer esse trabalho sozinho. A oficina criou um espaço de acolhimento e troca."

Uma das participantes relatou: "A gente nem percebe o quanto reproduz o racismo nos pequenos detalhes. Participar da oficina me fez olhar para os livros que uso com outros olhos. Agora eu consigo perceber o que pode estar sendo apagado, distorcido e o que devo valorizar."

Uma das professoras participantes apresentou sua reescrita para a atividade do livro didático, que originalmente trazia um espelho associado à narrativa da Branca de Neve. Ela optou por substituir a referência eurocêntrica por um elemento da cultura africana, trazendo o espelho de Oxum como símbolo central. "Eu queria que as crianças se vissem de outra forma, não apenas refletindo a imagem física, mas reconhecendo a própria história e beleza a partir de uma referência nossa, de matriz africana. Desconstruir o racismo institucional e entender que diferentes corpos e povos também são lindos e devem sentir a autoestima ao se encontrarem diante de sua própria imagem no espelho tornou-se uma tarefa ancestral.", explicou. Na nova proposta, o enunciado convidava os alunos a observarem o próprio reflexo e a escreverem palavras que expressassem qualidades e sentimentos inspirados em Oxum, orixá ligada à beleza, ao amor, à fertilidade e às águas doces. "Eu, como uma mulher do axé, sei que Oxum nos ensina e educa com seu abebê e força todos os dias. Com a força das águas doces que refletem o nosso ser que podemos e devemos também ser pessoas que se encontram na doçura, beleza e força. Força essa que é ancestral e carregada por um só povo e fortifica entre si o encontro da beleza e fundamenta o autoamor, senso coletivo enraizado e forte"



Referências

Bibliográficas

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. Lei 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

DIAS, Alder de Sousa; ABREU, Waldir Ferreira de. Por uma didática decolonial: aproximações teóricas e elementos categoriais. In: Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 19, n. 62, p. 1216-1233, jul./set. 2019.

EDITORA EDUCACIONAL. Caderno de exercício SABER. São Paulo: Editora Educacional, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

Krenak, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição). Editora Companhia das letras, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. 2005.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. Material Didático Carioca 2020. Disponível em: [NÓS DA ESCOLA: 2020 \(nosdaescola-recursos.blogspot.com\)](https://nosdaescola-recursos.blogspot.com). Acesso em: 20 jul. 2024.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. Material Rioeduca 2021. Disponível em: <http://multirio.rio.rj.gov.br/materialrioeduca/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista: para familiares e professores. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 160 p. ISBN 978-85-422-2125-1

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: Editora Ayô, 2015.

Minibiografia Sobre a autora



Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, especialista em Educação Infantil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGEB/UERJ). Iniciou sua trajetória na educação aos 15 anos, quando ingressou no Ensino médio Normal. Entrou na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro em 2016 como professora de Educação Infantil. Se interessa pela temática das Infâncias, Educação Antirracista e Educação para as Relações Étnico-Raciais. Acredita no poder transformador da educação e se empenha em engajar a comunidade escolar na luta antirracista, almejando contribuir na construção de uma sociedade mais justa, equânime e diversa.

Minibiografia Sobre a autora



Atualmente é Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, lotada no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ). É pesquisadora pró-cientista, bolsista, da UERJ. Professora do Departamento de Ensino Fundamental e do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB/CAP-UERJ). Atua, também, como coordenadora, na modalidade EAD, da disciplina de Monografia 2 do Consórcio CEDERJ/ CECIERJ no curso de Pedagogia UERJ, desde 2014. Fez seu pós doutoramento em Psicologia- UFF em 2022. É Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2006). Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998). Graduada em Letras Português e Literatura - Faculdade de Humanidades Pedro II (1989). Faz parte do corpo editorial da Revista e-mosaico e da Revista Digital Formação em Diálogo. É membro do Grupo de Pesquisa Formação em Diálogo: narrativas de professoras, currículos e culturas (GPFORMADI), co-coordenadora da linha de pesquisa "Educação e Diferença". Tem interesse de estudo na área de Linguística, com ênfase em Ensino de Língua, especialmente em Alfabetização, bem como nos seguintes temas: interseccionalidades raça, gênero e classe.(contato: jonebaiao@gmail.com).

FAZERES

A linha editorial FAZERES destina-se a divulgar produtos educacionais voltados aos estudantes da educação básica em que se observe inovadores o no desenvolvimento de práticas pedagógicas e pertinência na abordagem de objetos de aprendizagens. Enquadram-se nessa linha, por exemplo, livros didático, livros paradidáticos, sequências didáticas, jogos, etc.

Perfil do autor: Profissional da Educação

Público-alvo: Professores da Educação Básica



ISBN: 978-65-5134-012-3

